

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – COMISSÃO DE GRADUAÇÃO  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR DE BIOLOGIA ACERCA DO SEU PAPEL NA  
CONSCIENTIZAÇÃO ALIMENTAR DO ALUNO**

Eduardo de Medeiros Gass

Janeiro/2018

Eduardo de Medeiros Gass

**A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR DE BIOLOGIA ACERCA DO SEU PAPEL  
NA CONSCIENTIZAÇÃO ALIMENTAR DO ALUNO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof. Dra. Heloisa Junqueira

Janeiro/2018

À minha família e amigos.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de aproveitar este espaço e agradecer, ainda que de forma abreviada, a todos que de alguma maneira contribuíram para que a realização desse trabalho fosse possível.

Portanto, agradeço a minha família, Valdir, Leila, Luíza, Júlia e Helena por não medirem esforços para que todos conquistem o sucesso, sejam quais forem nossas metas.

Agradeço de forma especial a Professora e Orientadora Heloisa Junqueira por aceitar participar da realização deste trabalho, pela sua dedicação e disposição como orientadora. Não poderia deixar de mencionar o quanto a admiro, pela inteligência, competência, simpatia e carinho.

Aos professores Luciano Bedin da Costa e Denise Zancan por aceitarem fazer parte da banca examinadora deste trabalho, pelos ensinamentos e contribuições na minha formação profissional como professor de Biologia.

Meus agradecimentos àqueles que aceitaram participar das entrevistas.

Agradeço a colega Thamires por toda ajuda durante este semestre.

Agradeço os amigos por todo apoio e pelos momentos de descontração.

Muito Obrigado!

## RESUMO

O cenário atual do Brasil evidencia diversos problemas de saúde relacionados a maus hábitos alimentares. Neste contexto, o espaço escolar aparece como um ambiente favorável para o desenvolvimento de práticas promotoras de saúde, incluindo a educação alimentar e nutricional. Os professores, além de outros membros da equipe pedagógica da escola juntamente à comunidade que compõe, apresentam-se como figuras centrais na formação do comportamento alimentar do indivíduo. Com este estudo objetivou-se analisar as percepções de professores de Biologia acerca de seu papel na conscientização alimentar do aluno. Para tanto, professores de Biologia da rede particular e pública de Porto Alegre/RS e Novo Hamburgo/RS foram entrevistados, caracterizando uma metodologia de pesquisa qualitativa e descritiva. Para análise dos dados obtidos, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo. Além das entrevistas, uma pesquisa bibliográfica foi realizada com o objetivo de verificar a situação nutricional atual do Brasil, bem como a importância que o espaço escolar apresenta na formação do comportamento alimentar do indivíduo. De acordo com os resultados obtidos neste trabalho, observa-se que o professor apresenta papel fundamental na formação dos hábitos alimentares dos alunos, contribuindo para que estes se tornem mais conscientes acerca de sua própria alimentação.

**Palavras-chave:** Professor de Biologia; Conscientização alimentar; Educação alimentar; Educação nutricional

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Informações gerais.....	25
Quadro 2: Promove relações entre alimentação saudável/balanceada e nutrição.....	27
Quadro 3: Quando promove as relações entre os tópicos.....	28
Quadro 4: Conhecimentos prévios dos alunos.....	29
Quadro 5: Importância da Educação Alimentar.....	30
Quadro 6: Procedimentos metodológicos.....	31
Quadro 7: Conscientização alimentar dos alunos.....	34
Quadro 8: Áreas dos professores.....	35
Quadro 9: Interesse do aluno pelo tema.....	38
Quadro 10: Papel do professor na Educação Alimentar do aluno.....	39
Quadro 11: Relação alimentação/aprendizagem.....	42
Quadro 12: Importância de o aluno estar alimentado.....	42

## **LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS**

DEP: Deficiência energético-proteica

DNCT: Doença crônica não transmissível

FNDE: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PNAE: Programa Nacional de Alimentação Escolar

PROESCOLAR: Promoção da alimentação saudável nas escolas do Ensino Fundamental: desenvolvimento metodológico, implantação e avaliação de um Programa para Educadores

OMS: Organização Mundial de Saúde

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFBA: Universidade Federal da Bahia

## SUMÁRIO

1. <b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
2. <b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	11
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA SITUAÇÃO NUTRICIONAL DO BRASIL.....	11
2.2 ESPAÇO ESCOLAR NA PROMOÇÃO DE PRÁTICAS ALIMENTARES SAUDÁVEIS.....	14
2.3 PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DA CONDUTA ALIMENTAR DO ALUNO.....	19
3. <b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	23
3.1 MÉTODO DE PESQUISA.....	23
3.2 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS.....	24
3.3 TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS.....	26
4. <b>DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	26
5. <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	45
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	48
<b>APÊNDICE A</b> .....	51
<b>APÊNDICE B</b> .....	53



## 1 INTRODUÇÃO

Transformações históricas, econômicas e socioculturais caracterizaram o período de transições do Brasil de país rural a urbano. Juntamente com estas transformações, ocorreram mudanças nos estilos de vida da população brasileira, bem como em suas demandas nutricionais. Para que possamos nos aproximar da situação nutricional atual do país, faz-se necessário recorrer à história das transições nele ocorridas. Hoje, a transição nutricional enfrentada pelo Brasil apresenta-se como um problema de saúde pública, na medida em que deste fenômeno resultam diversos problemas, como desnutrição, sobrepeso, diabetes, hipertensão, entre outros, que são frequentemente identificados na população brasileira como sendo um desafio a ser combatido (FILHO; RISSIN, 2003).

Neste cenário, pode-se considerar que as escolas de Educação Básica são espaços sociais muito significativos à promoção da saúde, além dos Programas de educação alimentar criados e difundidos através das políticas públicas no campo da saúde. Estas medidas, frequentemente, têm sido apontadas na literatura como ações que podem intervir positivamente neste quadro epidemiológico característico da situação nutricional atual do país. Pesquisadores como Costa, Costa e Ribeiro (2001), Deminice et al (2007), Schimtz et al (2008), Araújo, Brito e Silva (2010) e Boog (2010) são exemplos de autores que têm abordado este tema recentemente.

Sendo a escola um espaço favorável às práticas promotoras de saúde, o corpo docente que a compõe deve estar preparado para incorporar e desenvolver ações que de fato tenham impacto na formação de condutas alimentares saudáveis nos estudantes, levando em consideração o contexto em que a escola está inserida e os diversos fatores que atuam neste processo formativo. Assim, para Davanço, Taddei e Gaglianone (2004), a equipe pedagógica escolar, em especial professores, torna-se uma das principais figuras promotoras de saúde, já que está em constante contato com os profissionais da escola e também com os alunos que fazem parte do mesmo cenário.

Tendo em vista o papel que o professor e o ambiente escolar desempenham no processo de aprendizagem do aluno, uma relação favorável entre educador e educando pode gerar uma influência positiva no seu aprendizado, inclusive no que diz respeito à formação de sua conduta alimentar.

Desta forma, o interesse pelo objeto desta pesquisa vem crescendo desde que cursei as disciplinas obrigatórias de Bioquímica I e II, que fazem parte do currículo do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Durante a realização destas disciplinas, tive a oportunidade de compreender os processos metabólicos que ocorrem nos organismos. Mesmo depois da finalização e aprovação nas duas disciplinas, continuei estudando e aprofundando os meus conhecimentos acerca dos assuntos relacionados à alimentação e nutrição, principalmente nos humanos. Daí meu interesse na importância da presença dos macro e micronutrientes na dieta alimentar humana, bem como suas quantidades e momentos corretos do dia a serem ingeridos.

Durante a realização do Estágio de Docência em Ciências (EDU02X18), desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental Prudente de Moraes, ministrei aulas sobre os conteúdos dos Sistemas Respiratório e Cardiovascular para uma turma de oitavo ano, que já havia visto os conteúdos do Sistema Digestório com a professora titular, antes de eu iniciar o período de regência de classe. A partir das observações na escola e na turma, e do processo de planejamento do ensino de Ciências, percebi a possibilidade e a necessidade de vincular meus conteúdos com o do Sistema Digestório, com o intuito de conscientizar os alunos sobre o valor de uma alimentação saudável e seus diversos benefícios.

É neste sentido que, do ponto de vista acadêmico, esta pesquisa torna-se relevante visto que o professor, não somente o de Ciências e/ou Biologia, exerce grande influência na formação dos estudantes, tanto nas especificidades de cada área ou disciplina escolar, quanto nos aspectos mais amplos e relacionados à sociedade em que vivem. Sendo assim, com este estudo, pretende-se analisar as percepções de professores de Biologia sobre a temática educação alimentar e nutricional e de seu próprio papel na formação de condutas alimentares de seus alunos. Além disso, objetiva-se identificar em literatura pertinente a situação nutricional atual do Brasil, bem como a importância do espaço escolar na promoção de saúde.

Afim de alcançar os objetivos pretendidos por esta pesquisa, a coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica, configurando o referencial teórico da pesquisa, além de entrevistas com professores de Biologia, da rede pública e particular de Porto Alegre/RS à exceção de um entrevistado que atualmente trabalha em um colégio no município de Novo Hamburgo/RS.

Na próxima seção será apresentado o referencial teórico, onde o tema será contextualizado ao leitor. Em seguida, o leitor encontrará os procedimentos metodológicos utilizados para a realização deste trabalho. Após, estarão expostos os resultados obtidos por meio desta pesquisa e finalmente, na última seção, o leitor poderá observar as considerações finais pertinentes ao desenvolvimento do trabalho.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Nesta seção, apresento um amplo panorama com referenciais teóricos acerca do tema “educação alimentar e nutricional”. Para tanto, construí três subseções distintas e complementares: na primeira subseção, 2.1, contextualizo a situação nutricional do Brasil frente ao fenômeno da transição nutricional, bem como os problemas decorrentes desta; na subseção 2.2, abordo a importância do ambiente escolar como espaço favorável à promoção da saúde; e, por fim, na subseção, 2.3, discorro sobre o papel do professor na formação das condutas alimentares dos estudantes, relacionando-as com os diversos fatores que influenciam a posição do sujeito frente às dietas alimentares.

### **2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA SITUAÇÃO NUTRICIONAL DO BRASIL**

Dos anos 50 do século XX aos inícios do século XXI, o Brasil sofreu transformações substanciais, seja pelos avanços de um mundo cada vez mais globalizado ou por processos históricos e culturais. O caráter de país fundamentalmente rural de então foi substituído pela invasão urbana ao longo deste período, mais acentuadamente entre as décadas de 1960-80. As transições de um mercado nacional baseado no setor primário aos setores secundários e terciários acarretaram mudanças em relação à rentabilidade dos negócios, as demandas nutricionais e, conseqüentemente, aos estilos de vida (FILHO; RISSIN, 2003).

O resgate histórico das transições econômicas e socioculturais ocorridas no Brasil mostra-se necessário para o entendimento dos problemas alimentares e nutricionais, mais acentuados quando analisados entre diferentes regiões do país. Além disso, ao se remontar a história recente brasileira, torna-se possível traçar o perfil alimentar/nutricional populacional e, por conseguinte,

relacionar as variáveis como renda, saneamento, escolaridade materna e acesso à saúde ao seu impacto sobre a deficiência energético-proteica (DEP) da população (FILHO; RISSIN, 2003).

O fenômeno da transição nutricional, verificado no Brasil e em outros países em desenvolvimento, apresenta-se como um grande desafio às políticas públicas em saúde do país. Problemas como a deficiência de nutrientes, a desnutrição, o sobrepeso e outras doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs) são característicos deste fenômeno. Assim, o Brasil enfrenta um dilema no qual precisa lidar simultaneamente com a questão contraditória da desnutrição e obesidade, bem como com as implicações resultantes da alimentação precária. É importante destacar que a fome e a desnutrição do país não são decorrentes da falta de produção de alimento, visto que o produzido pela agricultura nacional é capaz de suprir as demandas da população brasileira (COUTINHO; GENTIL; TORAL, 2008).

Por outro lado, conforme Coutinho, Gentil e Toral (2008), os dados referentes ao consumo alimentício da população brasileira apontam melhoras em relação aos problemas relacionados à desnutrição. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) (2008 apud ASSAO, 2012, p. 14):

A evolução da disponibilidade de alimentos no Brasil indica que a transição alimentar no país tem sido de modo geral favorável do ponto de vista dos problemas associados à subnutrição e desfavorável no que se refere à obesidade e às demais doenças crônicas não transmissíveis. As evidências apontam importante aumento do sobrepeso com tendência especialmente preocupante junto a crianças com idade escolar e adolescentes, nos estratos de baixa renda.

Além de sobrepeso, hipertensão e diabetes são outras DCNTs que são ocasionadas pelo perfil alimentar brasileiro. Observa-se um uso crescente de açúcar, sódio e alimentos industrializados no preparo das refeições, além de gorduras em geral, ao passo que há um decréscimo no uso de frutas, verduras, legumes e cereais (COUTINHO; GENTIL; TORAL, 2008). De acordo com Schimtz et al (2008), este perfil encontra-se também no ambiente escolar, onde os alimentos preferidos pelos estudantes encontrados nas cantinas das escolas apresentam alto índice calórico, além de alto teor de sal, gorduras e açúcares.

*A Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009: análise do consumo alimentar pessoal no Brasil*, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011), informa que alimentos como feijão, arroz, batata-doce, mandioca, manga, tangerina, peixes e

carnes foram mais consumidos em zonas rurais, enquanto que em zonas urbanas, alimentos processados, alimentos prontos para o consumo, pizzas, refrigerantes, salgados fritos e assados, cerveja, biscoitos recheados e pão de sal apresentaram maior consumo. Além disso, os embutidos como salsichas, mortadelas e linguiças, juntamente com os salgados, sanduíches e biscoitos foram mais consumidos conforme diminuição da faixa etária dos participantes da pesquisa. Adolescentes apresentaram menor consumo de frutas, verduras e feijão quando comparados a adultos e idosos.

Neste contexto, Toral et al (2006) ressalta que os hábitos alimentares desenvolvidos durante a adolescência influenciam em diversos fatores da vida do indivíduo, como seu crescimento físico, sua saúde a longo prazo e seu comportamento alimentar na vida adulta. Para os autores, o baixo consumo de frutas e verduras, o consumo excessivo de *fastfood* e refrigerantes aliados ao sedentarismo refletem o quadro epidemiológico de sobrepeso verificado entre esta faixa etária. De acordo com a OMS (2008 apud ASSAO, 2012, p. 13):

Vários estudos têm demonstrado a forte associação entre a adoção de uma alimentação adequada e a redução dos riscos à saúde, no que tange as doenças crônicas não transmissíveis. A alimentação pouco saudável e a falta de atividade física são as principais causas das doenças não transmissíveis mais importantes, como as cardiovasculares, a diabetes e determinados tipos de câncer, e contribuem substancialmente para a carga mundial de morbidade, mortalidade e incapacidade.

A Organização Mundial da Saúde define saúde como sendo “o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não a mera ausência de moléstia ou enfermidade” (WHO, 1948). No entanto, este conceito não reflete a realidade, visto que “remete à ideia de uma *saúde ótima*, possivelmente inatingível e utópica já que a mudança, e não a estabilidade, é predominante na vida. Saúde não é um *estado estável*, que uma vez atingido possa ser mantido” (BRASIL, 2009, p. 65). Além disso:

Diversas tentativas vêm sendo feitas a fim de se construir um conceito mais dinâmico, que dê conta de tratar a saúde não como imagem complementar da doença e sim como construção permanente de cada indivíduo e da coletividade, que se expressa na luta pela ampliação do uso das potencialidades de cada pessoa e da sociedade, refletindo sua capacidade de defender a vida (BRASIL, 2009, p. 65).

Da mesma forma, a prática apropriada de uma alimentação saudável também precisa considerar as necessidades biológicas do indivíduo, o contexto sociocultural em que o mesmo está inserido, bem como o uso sustentável do meio ambiente. Além disso, é preciso levar em conta que os alimentos não servem somente como veículo para os nutrientes, mas que eles também possuem gosto, aroma, forma, cor e textura, sendo todos estes fatores importantes numa abordagem nutricional que tenha como preceito a promoção de saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008).

No que diz respeito à importância dos nutrientes, de acordo com o *Guia Alimentar para a População Brasileira: Promovendo a Alimentação Saudável* (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008, p. 23), em uma alimentação saudável:

Todos os grupos de alimentos devem compor a dieta diária. A alimentação saudável deve fornecer água, carboidratos, proteínas, lipídios, vitaminas, fibras e minerais, os quais são insubstituíveis e indispensáveis ao bom funcionamento do organismo. A diversidade dietética que fundamenta o conceito de alimentação saudável pressupõe que nenhum alimento específico ou grupo deles isoladamente, é suficiente para fornecer todos os nutrientes necessários a uma boa nutrição e a consequente manutenção da saúde.

Nesse sentido, a educação alimentar e nutricional apresenta-se como uma ferramenta indispensável tanto à adoção de melhores hábitos alimentares, quanto à prevenção e controle da obesidade e do sobrepeso (DEMINICE et al, 2007). A promoção e a consequente adoção de condutas alimentares saudáveis tornam-se estratégias de saúde pública essencial na luta contra o sobrepeso e outras DCNTs relacionadas, decorrentes dos problemas alimentares e nutricionais já identificados no contexto atual do país (COUTINHO; GENTIL; TORAL, 2008).

Conforme Danelon, Danelon e Silva (2006) ressaltam, é fundamental aumentar os valores dos investimentos nas medidas de promoção da saúde, assim combatendo ou diminuindo os distúrbios nutricionais. Entre as medidas, os autores citam alterações no teor de açúcar e gordura dos alimentos, bem como nos anúncios e publicidade em geral de guloseimas destinadas às crianças, o incentivo a prática de atividades físicas e principalmente a utilização do ambiente escolar como espaço promotor de saúde.

## 2.2 ESPAÇO ESCOLAR NA PROMOÇÃO DE PRÁTICAS ALIMENTARES SAUDÁVEIS

O caráter universal da educação escolar no Brasil está previsto na Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013, Art. 4º, Inciso I, que discorre sobre a obrigatoriedade da educação básica no Brasil, dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade (BRASIL, 2013). De acordo com a Taxa de Escolarização das Pessoas de 6 a 14 anos de idade, por sexo – Brasil – 2007/2015, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, houve um aumento crescente na taxa de escolarização dos brasileiros entre os anos de 2007 e 2015. A pesquisa mostra que em 2007, 97% das pessoas de 6 (seis) a 14 (quatorze) anos eram estudantes, chegando à 98,6% da população brasileira em 2015 para esta mesma faixa etária (IBGE, 2015).

Nesse contexto, Costa, Ribeiro e Ribeiro (2001) afirmam que a escola se mostra como um espaço favorável a práticas promotoras de saúde, por ser um espaço onde as pessoas que a frequentam, passam grande parte do tempo. Tendo em vista seu potencial em desempenhar um trabalho de caráter contínuo, o papel da escola como uma instituição sociohistorica é a de promover educação à saúde. Dessa forma, o convívio escolar diário frente aos valores transmitidos pela comunidade escolar aos estudantes, tem impacto na adequação das suas atitudes (SOBRAL; SANTOS, 2010).

Segundo a Carta de Ottawa (1986), as escolas, além de outros ambientes comunitários, também aparecem como ambientes propícios à promoção de saúde, devendo capacitar as pessoas para que estas apresentem maior autonomia em relação a sua saúde e maior consciência em relação ao meio ambiente. Em concordância, Schimtz et al (2008, p. 312) ressaltam que “a escola aparece como espaço privilegiado para o desenvolvimento de ações de melhoria das condições de saúde e do estado nutricional das crianças, sendo um setor estratégico para a concretização de iniciativas de promoção da saúde”.

Assao (2012) ainda cita outros autores que veem na escola um espaço favorável ao desenvolvimento de práticas promotoras de saúde. “As escolas, espaços de convivência e formação de crianças, são cenários adequados para gerar autonomia, participação crítica e criatividade para a promoção da saúde” (IERVOLINO, 2000; BÓGUS et al, 2011 apud ASSAO, 2012, p. 14-15). Além de ser um espaço adequado para a promoção de saúde, a escola ainda pode envolver de forma dinâmica os indivíduos que compõem a comunidade escolar com intuito de causar mudanças em suas condutas a partir da aprendizagem gerada neste espaço (DEMINICE et al, 2007).

De acordo com Costa, Ribeiro e Ribeiro (2001, p. 228):

Criar um ambiente favorável à aprendizagem, enquanto um processo social e permanente, para que todos aqueles que exercem suas atividades no cenário escolar possam conduzir sua alimentação em busca de uma vida mais saudável, cientes dos condicionantes de suas práticas alimentares, é uma forma de desenvolver os recursos sociais e pessoais necessários para alcançar o estado de bem-estar.

Destaca-se que cada escola está inserida em um contexto diferente, onde a localização geográfica, a identidade sociocultural e a própria gastronomia local tornam as escolas singulares (LOUREIRO, 2004). De acordo com Garcia (2007 apud ARAÚJO et al, 2010, p. 472) “os gostos são construídos de acordo com o que a cultura estabelece como aceitável. As pessoas tendem a rejeitar sabores aos quais não estão acostumadas e permanecem restritas às preparações características de sua cultura”. Dessa forma, não há uma estratégia universal que sirva a todas as escolas igualmente, sendo papel de cada escola, avaliar o contexto em que está inserida para desenvolver projetos e práticas que mais se adequam à sua realidade (LOUREIRO, 2004). Detregiachi (2008, p. 17) também afirma que:

Nas propostas de mudanças na alimentação é necessário, então, considerar todo o contexto que envolve os hábitos alimentares, incluindo valores culturais, sociais, afetivos, emocionais e comportamentais. As diretrizes para tal mudança devem utilizar um referencial positivo, enfatizando as vantagens dos alimentos e do consumo de uma alimentação saudável, estimulando o consumo de determinados alimentos mais do que proibindo o de outros.

Contextos diferentes não tornam o ambiente escolar menos favorável ao desenvolvimento de programas e práticas dentro da escola. Davanço, Taddei e Gaglianone (2004, p. 179) afirmam que “a escola é um ambiente propício para a aplicação de programas de educação em saúde, pois a mesma está inserida em todas as dimensões do aprendizado: ensino, relações lar-escola-comunidade e ambiente físico e emocional”. Corroborando com esta ideia, Schimtz et al (2008, p. 312) menciona que “a escola é propícia à aplicação de programas de educação em saúde em larga escala, incluindo programas de educação nutricional. Estes devem consistir em processos ativos, lúdicos e interativos, que favoreçam mudanças de atitudes e das práticas alimentares”.

Além de processos lúdicos e interativos, outros fatores se mostram fundamentais para o sucesso dos programas de educação nutricional. Conforme estudos realizados em diversas escolas norte-americanas, a eficiência dos programas de educação nutricional em âmbito escolar depende da duração e intensidade dos mesmos. Ambos os fatores se apresentam como



determinantes em relação ao impacto gerado nas crianças e adolescentes, no que diz respeito aos conhecimentos adquiridos e aos consequentes hábitos alimentares adotados (LEVINE et al, 2002 apud DETREGIACHI, 2008).

Nesse contexto, o projeto de pesquisa *Promoção da alimentação saudável nas escolas do Ensino Fundamental: desenvolvimento metodológico, implantação e avaliação de um Programa para Educadores* (PROESCOLAR), desenvolvido por pesquisadores da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia (UFBA), aparece como exemplo de uma iniciativa que atribuiu à escola o caráter de espaço potencial para a promoção da alimentação saudável e aos membros da comunidade escolar como os professores, gestores e merendeiras, seus promotores (SOBRAL; SANTOS, 2010).

Em nível federal, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), também conhecido como merenda escolar, recebe destaque. Este Programa, gerenciado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), objetiva suprir parte das necessidades nutricionais diárias de estudantes de todas as etapas da Educação Básica pública, além de oferecer ações que promovam a educação alimentar e nutricional na escola (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2017).

De acordo com o Ministério da Educação (2011, apud ASSAO, 2012, p. 17) “o objetivo principal do PNAE é atender parcialmente as necessidades nutricionais dos alunos, contribuindo para o seu crescimento e desenvolvimento, para a sua aprendizagem, bem como promover a formação dos hábitos alimentares saudáveis na escola”. Frente a sua presença na totalidade das escolas públicas do país, para Danelon, Danelon e Silva (2006), o PNAE pode servir como ferramenta de intervenção alimentar, contribuindo também para a consolidação de hábitos alimentares saudáveis dos escolares. Assim, Costa, Ribeiro e Ribeiro (2001, p. 227) afirmam que:

O PNAE pode ser considerado também um instrumento pedagógico, não apenas por fornecer uma parte dos nutrientes que o escolar necessita diariamente, mas também por se constituir em espaço educativo melhor explorado, quando, por exemplo, estimula a integração de temas relativos à nutrição ao currículo escolar.

Apesar das vantagens que podem resultar de um programa de educação alimentar desenvolvido no espaço escolar, torna-se um desafio à comunidade escolar aplicar o

conhecimento gerado pelo programa na forma de práticas alimentares saudáveis. Muitos programas de alimentação nas escolas não desenvolvem qualquer tipo de atividade educativa em relação à educação alimentar dos escolares, restringindo seu papel apenas ao provimento dos alimentos dentro das instituições (DEMINICE et al, 2007). Nesse sentido, Muller et al (2001 apud DEMINICE et al, 2007, p. 38) ressaltam:

Conhecimentos obtidos através de intervenções isoladas não são capazes de influenciar o estado nutricional. Esses autores afirmam que devem ser consideradas as influências dos colegas, publicidade, autoimagem, entre outros no desenvolvimento de estratégias para enfrentar a complexidade das causas. Além disso, embora a escola fundamental seja um local apropriado para implementação desses programas, a aceitação e o suporte da comunidade escolar são imprescindíveis para o sucesso do programa.

Por outro lado, Assis e Nahas (1999 apud DETREGIACHI, 2008, p. 18) “buscaram identificar as teorias e principais modelos utilizados nos programas de intervenção nutricional e constataram que a maioria dos trabalhos publicados não cita uma teoria ou um modelo particular que fundamente a prática ou a pesquisa”. Glanz e Erickson (1993 apud DETREGIACHI, 2008, p. 18) “também observaram a existência de um vácuo tanto na familiaridade com estas teorias quanto na habilidade de aplicá-las nos programas de educação nutricional”.

Além dos programas de educação alimentar e nutricional em âmbito escolar, Danelon, Danelon e Silva (2006), ressaltam a importância da orientação aos alunos em relação ao que é comercializado pelas cantinas e bares das escolas, tendo em vista que uma grande parcela de alunos, tanto de escolas públicas quanto particulares, realizam refeições nestes ambientes. Além disso, os autores afirmam que os serviços prestados por bares e cantinas podem criar empecilhos aos escolares na busca por uma seleção adequada dos alimentos que devam compor suas dietas.

Diante destas possíveis dificuldades enfrentadas pelos programas de educação alimentar e nutricional nas escolas, Davanço, Taddei e Gaglianone (2004, p. 179) afirmam que “o professor é o membro central da equipe de saúde escolar, pois além de ter maior contato com os alunos, está envolvido na realidade social e cultural de cada discente e possui uma similaridade comunicativa”. Fica evidente, para os autores, a importância que atribuem à capacitação dos professores nos campos da educação alimentar e da nutrição para que estes desempenhem seu papel de forma significativa na saúde escolar.

### 2.3 PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DA CONDUTA ALIMENTAR DO ALUNO

A Portaria Interministerial nº 1.010 de 8 de maio de 2006 (BRASIL, 2006) cita no Artigo 5º ações que devem ser implementadas, objetivando alcançar uma alimentação saudável nos ambientes escolares. Em especial, o Inciso II cita a importância de sensibilizar e capacitar os profissionais envolvidos com alimentação na escola, enquanto o Inciso X afirma que uma destas ações se baseia na incorporação do tema *alimentação saudável* no projeto político pedagógico da escola. Considerando que a alimentação em ambientes escolares é um objeto de ensino que atravessa todas as áreas e disciplinas curriculares, seu papel pedagógico na formação dos estudantes implica em experiências, vivências e aprendizagens relacionadas à alimentação saudável.

Poulain e Proença (2003) também evidenciam o caráter pluridisciplinar envolvido no complexo fenômeno da alimentação humana, ao apresentarem um diálogo entre a sociologia e as ciências da alimentação e da nutrição. Para tanto, os autores valem-se do conceito de espaço social alimentar, espaço comum ao biológico e ao cultural, onde ambos interagem simultaneamente. No entanto, de acordo com Castro et al (2007, p. 573) “no campo da formação dos profissionais responsáveis por essas atividades, as estratégias tradicionalmente utilizadas são desenvolvidas, muitas vezes, de forma fragmentada e desarticulada da realidade local, não resultando em ações, de fato, transformadoras”.

Conforme Gazinelli et al (2005 apud CASTRO et al, 2007, p. 573):

[...] as práticas de educação em saúde, tradicionalmente, valorizam a uniformização de recomendações técnicas e a culpabilização daqueles que não conseguem seguir tais recomendações. Estas práticas são antagônicas àquelas que têm como ponto central a dimensão socializadora da promoção da saúde e o fortalecimento das populações, no sentido de estarem aptas a tomar decisões relativas à sua saúde de forma esclarecida.

Para Schimtz et al (2008) é papel do professor valer-se de variadas abordagens de ensino que resultem em uma melhor alimentação por parte do indivíduo. Logo, os conhecimentos acerca do tema são indispensáveis aos profissionais das escolas de Ensino Fundamental (EF) e Ensino Médio (EM), incorporando-os em suas estratégias pedagógicas, objetivando a transversalidade no aprendizado dos estudantes em todos os espaços que compõem o ambiente escolar. Celebuskis e Farris (1996 apud DETREGIACHI, 2008, p. 26) “ressaltam ainda a necessidade de

integração dos professores, treinamento apropriado para o desenvolvimento da educação nutricional em sala de aula, assim como a proposta de um currículo coerente, fatores esses que podem aumentar a efetividade dessa atividade no âmbito escolar”.

Segundo Detregiachi (2008), quando a escola não dispõe de planejamentos, programas e práticas que propiciem o aprendizado acerca do que compreende uma alimentação saudável, os conteúdos que abrem espaço ao tema nutrição e educação alimentar em sala de aula acabam por ter suas bases, apenas, nos livros didáticos de Ciências e de Biologia, que carregam limitações conceituais em seus conteúdos. Para tanto, Detregiachi (2008, p. 20) afirma que Gaglianone (2003) “recomenda que os professores sejam adequadamente treinados, que sejam desenvolvidos materiais e estratégias educativas que incluam vivências e solução de situações problema e que sejam criados materiais inovadores em lugar de técnicas de ensino tradicional”.

Por sua vez, Loureiro (2004) nos diz que a opção por uma alimentação saudável por parte dos alunos tem de ser estimulada pelos professores e pela comunidade escolar através de métodos que despertem o interesse, a criatividade e a capacidade na criação de suas refeições. Da mesma forma, Amodio e Fisberg (2005 apud DANELON; DANELON; SILVA, 2006, p. 91) acreditam que “os educadores devem ensinar os alunos a optar pelo melhor, instruindo sobre os efeitos que cada tipo de alimento pode causar ao organismo, visando evitar, por exemplo, que um alimento menos nutritivo se transforme na principal refeição da criança”.

Já Costa, Ribeiro e Ribeiro (2001) citam a importância do papel do nutricionista em âmbito escolar, visto que seu trabalho exige interação entre humanos e alimento. Dessa forma, ao integrar-se aos demais profissionais que trabalham nas escolas, o nutricionista também pode gerar aprendizagens e promover a saúde, por meio de ações pedagógicas centradas nas necessidades específicas dos sujeitos de cada escola.

Diversos fatores estão envolvidos na formação da conduta alimentar do sujeito. Deminice et al (2007) ressaltam a influência de fatores fisiológicos, psicológicos, socioculturais e econômicos sobre a formação das práticas alimentares das pessoas. Os autores afirmam que estas práticas são adquiridas conforme a criança se desenvolve, nos ambientes familiares, escolares e comunitários, em interação com os adultos que lhe acompanha. Da mesma forma, Costa, Ribeiro e Ribeiro (2001, p. 226-227) afirmam:

Embora a insuficiência de recursos financeiros para adquirir alimentos necessários à manutenção da boa saúde seja o principal condicionante do problema alimentar no Brasil, outros fatores como a desinformação, a pressão publicitária, os hábitos familiares e sociais e mesmo as alterações de ordem psicológicas não devem ser desconsiderados.

Toral et al (2006) relacionam estes fatores (ambientais, psicológicos, socioculturais e nutricionais) à influência que apresentam sobre a conduta alimentar das pessoas e à dificuldade em motivá-las a alterar seus hábitos alimentares. Os autores também apontam a interpretação equivocada acerca do próprio consumo alimentar como um fator que dificulta a mudança de hábitos do indivíduo e a consequente noção de que não há necessidade de mudar seu próprio comportamento alimentar. E, com relação à importância do autorreconhecimento na mudança de hábitos no sujeito, Baldwin e Falciaglia (1995 apud DETREGIACHI, 2008, p. 25) dizem: “A mudança de comportamento individual é facilitada pela modificação de fatores pessoais internos, exigindo um autodesenvolvimento”.

Além disso, a pressão exercida pela mídia também contribui para uma maior dificuldade na manutenção do comportamento alimentar equilibrado e saudável. Este fator demanda uma maior habilidade dos profissionais que estão envolvidos na educação alimentar do indivíduo bem como abordagens educacionais teóricas adequadas (DETEGRIACHI, 2008).

A faixa etária dos estudantes é outro fator que precisa ser considerado. Loureiro (2004), afirma que, durante a infância, a exposição ao alimento e sua manipulação, bem como o bom exemplo por parte dos adultos necessitam fazer parte das estratégias de educação alimentar. Em contrapartida, a partir da idade infantil, é necessário estimular a autoavaliação e a capacidade crítica em escolher de forma consciente dentre as possíveis alternativas.

Em concordância, o bom exemplo dos pais também é citado como fator relevante na formação do comportamento alimentar dos filhos por Tibbs et al (2001 apud DAVANÇO; TADDEI; GAGLIANONE, 2004) ao afirmarem que pode haver uma associação entre a frequência com que os pais se alimentam de forma saudável e os hábitos alimentares adotados, à longo prazo, por seus filhos. De acordo com Center for Disease Control and Prevention (1997 apud DETREGIACHI, 2008, p. 15):

A prática de dieta balanceada desde a infância favorece níveis ideais de saúde, atuando diretamente na melhora do nível educacional, reduzindo os transtornos de aprendizado causados pelas deficiências nutricionais, como anemia e

desnutrição, e ainda evita a manifestação da obesidade, distúrbios alimentares e cáries dentárias.

Davanço, Taddei e Gaglianone (2004, p. 182) ainda ressaltam as dificuldades na mudança de condutas alimentares ao referirem-se que há “aspectos da alimentação e da nutrição são difíceis de serem mudados, pois além de tentar mudar antigos padrões, estes são considerados como componentes da história individual, da família ou do grupo social”. Para os autores uma intervenção durante os primeiros estágios de vida mostra-se como fator positivo no desenvolvimento dos hábitos alimentares e que para tanto, a capacitação do professor primário acerca da educação e conscientização alimentar é de extrema importância como fator promotor de saúde humana.

O processo de conscientização alimentar, e a conseqüente escolha por alimentos mais nutritivos e saudáveis, é um processo que se torna facilitado quando há acesso à informação decorrente dos benefícios gerados ao se consumir certos alimentos. Dessa forma, o conhecimento possibilita ao indivíduo buscar uma alimentação mais balanceada de forma consciente, tendo em vista suas necessidades nutricionais e sua própria saúde (DETREGIACHI, 2008). Nesse sentido, orientar quanto à importância da autoavaliação acerca dos aspectos dietéticos do indivíduo torna-se indispensável para que o mesmo possa adotar melhores hábitos alimentares (TORAL et al, 2006). Além disto, benefícios gerados por ações promotoras de saúde nas escolas, como a conscientização em relação à adoção de hábitos saudáveis, capacitam o indivíduo a agir de forma a promover sua própria saúde, bem como a de sua família e comunidade (MCGINNIS; DEGRAW, 2000 apud DAVANÇO; TADDEI; GAGLIANONE, 2004).

Resultados de pesquisas, que se valeram da educação alimentar e nutricional como estratégia de intervenção em âmbito escolar, apontaram melhoras nos hábitos alimentares do próprio estudante, maior influência por parte deste nos hábitos de seus familiares, além de atingir maior conhecimento nutricional (MULLER et al, 2001; PÉREZ-RODRIGO; ARANCETA, 2001 apud DETREGIACHI, 2008). Entretanto, conforme Danelon, Danelon e Silva (2006) se não há sintonia entre os aprendizados acerca da nutrição e educação alimentar construídos em aula e os alimentos que os bares escolares oferecem, os preceitos de uma alimentação tida como saudável podem não ser consolidados pelo educando.

Schimtz et al (2008) são outros autores que defendem a ideia de que a cantina escolar e os conteúdos abordados pelos educadores em aula relacionam-se e a cantina passa a ser um

espaço favorável a formação de práticas alimentares saudáveis. Dessa forma, os autores acreditam que a mudança para melhores hábitos alimentares passa diretamente pelos donos de cantina e educadores. Esse pensamento é reforçado por Loureiro (2004, p. 46) ao afirmar que “na escola é crucial que mensagens aprendidas em sala de aula estejam em consonância com os produtos alimentares disponíveis e a forma como são apresentados na cantina e no bufete”.

Sendo assim, além da criação de programas que promovam a educação alimentar capazes de abranger toda comunidade escolar, a concordância entre os alimentos ofertados nas cantinas e os conteúdos acerca da educação alimentar trabalhados pelo professor, bem como sua orientação, aparecem como fatores que podem agregar ao processo de formação do comportamento alimentar do aluno, de modo a torná-lo mais consciente acerca de sua própria alimentação (DANELON; DANELON; SILVA, 2006).

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Nesta seção serão apresentadas as estratégias metodológicas utilizadas neste estudo, bem como a justificativa para tais escolhas.

#### **3.1 MÉTODO DE PESQUISA**

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo. De acordo com Minayo (1994, p. 21), a pesquisa qualitativa “responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de qualidade que não pode ser quantificado”. Além disso, o maior aprofundamento das respostas possibilitadas pela pesquisa qualitativa permite ao entrevistador focar e explorar as questões que julga de maior importância para seu estudo.

Sendo esta pesquisa qualitativa definida como descritiva, afina-se com o que Gil (1989, p.45-46) expressa sobre este tipo de pesquisa: “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. O autor também afirma que “as pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática”. Dessa forma, a pesquisa descritiva possibilita ao entrevistador realizar um levantamento detalhado de dados acerca do objeto de estudo.

### 3.2 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

Neste estudo, as técnicas de coleta de dados empregadas foram: pesquisa bibliográfica através de livros, artigos científicos e publicações periódicas (revistas), além de entrevistas com sujeitos selecionados.

Gil (2009 p. 44) mostra que as pesquisas bibliográficas são desenvolvidas “com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científico”. Conforme Koche (1997, p. 122), “o objetivo da pesquisa bibliográfica, portanto, é o de conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa”. Assim, a pesquisa bibliográfica contribui para o estudo na medida em que fornece dados relativos ao estado da arte sobre o tema aqui pesquisado.

A técnica de entrevista, também utilizada neste trabalho, é “adequada para obter informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das explicações ou razões acerca das coisas precedentes” (SELLTIZ et al, 1965 apud GIL, 2009, p. 63). Além disso, Gil (2009, p. 63) menciona que a entrevista “é uma técnica eficiente para obtenção de dados em profundidade, acerca dos mais diversos aspectos da vida social. Aplica-se a praticamente todos os segmentos populacionais”.

Hair et al (2005, p. 85) citam a entrevista em profundidade como sendo “uma sessão de discussão individual entre um entrevistador treinado e um entrevistado. Os entrevistados em geral são escolhidos com cuidado para terem algum conhecimento especializado”. De acordo com Bauer e Gaskell (2012, p. 74) “em uma entrevista em profundidade bem-feita, a cosmovisão pessoal do entrevistado é explorada em detalhe”. Assim, a técnica de entrevista em profundidade viabiliza a obtenção de respostas mais completas e aprofundadas pelo entrevistador.

Os documentos utilizados nesta pesquisa, tanto em relação à ética, quanto à coleta de dados foram respectivamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A) e o roteiro de entrevista (APÊNDICE B), composto por dez perguntas relacionadas ao objeto desta pesquisa: a percepção do professor de Biologia acerca de seu papel na educação alimentar do aluno.



Com o propósito de alcançar os objetivos propostos neste estudo, foram entrevistados sete professores de Biologia: seis professores de escolas da rede pública ou privada de Porto Alegre e uma professora da rede privada de Novo Hamburgo. Os critérios utilizados para a definição do tamanho da amostra foi o tempo hábil para a realização desta pesquisa. Quanto à escolha dos sujeitos, utilizou-se o critério de relação pessoal e profissional existente entre o entrevistador e os professores a serem entrevistados, bem como indicações de terceiros, facilitando o acesso nas escolas ou colégios para realização das entrevistas. Também, em relação à escolha de professores de Biologia para as entrevistas, o critério principal foi o da formação acadêmica, inicial e continuada, dos mesmos, que em tese abordam mais diretamente o objeto de pesquisa deste trabalho.

As entrevistas foram realizadas entre os dias 10 e 21 de novembro de 2017, em local de escolha dos participantes e foram gravadas e transcritas para uma posterior análise dos dados. Na gravação das entrevistas, utilizou-se um aparelho telefone-celular. Não houve um tempo predeterminado de duração da entrevista. Após cada entrevista, o arquivo de áudio resultante foi reproduzido inúmeras vezes para que a transcrição literal das palavras utilizadas pelos entrevistados pudesse ser realizada pelo entrevistador.

A fim de preservar a identidade dos entrevistados, foram designados a estes os números de 1 a 7 de acordo com a ordem cronológica de participação na pesquisa, sendo o entrevistado número 1 o primeiro a ser entrevistado e o número 7, o último. Abaixo, o Quadro 1 traz informações gerais sobre as entrevistas e os participantes, como a data de realização das entrevistas, os colégios/escolas em que os entrevistados trabalham e se os mesmos são públicos ou privados, além dos municípios onde se localizam.

**Quadro 1** - Informações gerais

Número do Entrevistado	Data de realização entrevista	Colégio/Escola em que o entrevistado trabalha	Pública/privada	Município onde se localiza a instituição
1	10/11/2017	Santa Teresa de Jesus	Privada	Porto Alegre
2	10/11/2017	Dolores Alcaraz Caldas	Pública	Porto Alegre
3	13/11/2017	São Judas Tadeu	Privada	Porto Alegre

4	14/11/2017	Pio XII	Privada	Novo Hamburgo
5	14/11/2017	Monteiro Lobato	Privada	Porto Alegre
6	17/11/2017	São Judas Tadeu	Privada	Porto Alegre
7	21/11/2017	Gomes Carneiro	Pública	Porto Alegre

Fonte: Dados coletados pelo autor da pesquisa

O critério de facilitação ao acesso para a realização da coleta de dados nos colégios/escolas resultou em uma amostra na qual há mais colégios/escolas da rede privada do que da rede pública, como mostra o quadro acima. Na amostra, dos sete professores entrevistados, seis trabalham em escolas de Porto Alegre/RS, e um trabalha em Novo Hamburgo/RS.

### 3.3 TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS

A análise de conteúdo foi a técnica escolhida nesta pesquisa que, segundo Vergara (2006), tem por objetivo identificar o que foi dito sobre o assunto investigado. Bardin (1977, p. 42 apud VERGARA, 2006, p.16) define este tipo de análise como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A análise de conteúdo admite tanto as abordagens quantitativas, quanto as qualitativas, podendo ser utilizadas para fins exploratórios e também para fins de verificação com o intuito confirmar ou não suposições e hipóteses estabelecidas previamente (VERGARA, 2006). Conforme Bardin (2004), esta técnica divide-se em: 1) pré-análise; 2) exploração do material; e 3) interpretação de resultados. Dessa forma, a análise de dados foi realizada levando em consideração as informações obtidas a partir da pesquisa bibliográfica e das entrevistas efetuadas, através da técnica de análise de conteúdo, seguindo suas divisões.

## 4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE

Nesta seção, analiso os resultados obtidos a partir das leituras e releituras dos dados empíricos, coletados através das entrevistas. Os entrevistados foram questionados em relação a diversos aspectos acerca de seu papel na educação alimentar do aluno: dos procedimentos metodológicos que utilizam em aula, quando abordam os assuntos acerca da nutrição e educação alimentar, bem como suas próprias concepções do que é educação alimentar e sua importância.

A primeira pergunta realizada durante as entrevistas foi: **Nas suas aulas de Biologia, você promove relações entre merenda escolar (caso haja), alimentação saudável/balanceda e nutrição? Se sim, quando e de que forma? Se não, por quê?** O quadro abaixo ilustra as repostas dos entrevistados em relação à primeira parte desta pergunta, ou seja, se relacionam alimentação saudável/balanceda e nutrição com suas aulas de Biologia.

**Quadro 2** – Promove relações entre alimentação saudável/balanceda e nutrição

<b>Resposta/entrevistado</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>Total</b>
Sim	X	X	X	X	X	X	X	7
Não								

Fonte: Dados coletados pelo autor da pesquisa

De acordo com o Quadro 2, todos os entrevistados promovem relações entre alimentação saudável/balanceda e nutrição. Entretanto, somente a entrevistada 7 afirmou fazer relações com a merenda escolar fornecida pela escola. Ela afirma que *a escola sempre tem merenda saudáveis e naturais, mas quando tem frutas, por exemplo, algo que eu perceba que não é da preferência dos alunos, eu sempre costumo chamar a atenção porque, principalmente os adolescentes, têm uma certa resistência.*

Loureiro (2004), Danelon, Danelon e Silva (2006) e Schimtz et al (2008) são autores que ressaltam a importância da relação de concordância entre os conhecimentos passados em sala de aula, ou fora dela, e os alimentos que são ofertados nas cantinas e bares da escola. Schimtz et al (2008) ainda afirmam que a mudança para hábitos alimentares mais saudáveis passa diretamente pelos donos das cantinas e educadores.

O Quadro 3 refere-se à segunda parte da primeira pergunta da entrevista, antes referida, trazendo os momentos, durante as aulas, que os entrevistados relacionam alimentação saudável/balanceda e nutrição.

**Quadro 3** – Quando promove as relações entre os tópicos

<b>Resposta/entrevistado</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>Total</b>
Sempre que há oportunidade	X	X		X	X	X	X	6
Durante as aulas sobre nutrientes e células	X							1
Durante as aulas de bioquímica			X					1
Durante as aulas de ecologia						X	X	2
Não abordo o assunto tão diretamente			X					1
Mais diretamente no Ensino Fundamental			X	X				2

Fonte: elaborada pelo autor, a partir dos dados coletados na pesquisa.

De acordo com o Quadro 3, à exceção do entrevistado 3, que afirmou não trabalhar tão diretamente o assunto, todos os entrevistados fazem relações entre alimentação saudável/balanceada e nutrição sempre que há oportunidade durante as aulas. A entrevistada 5 revela: *sempre que tenho a oportunidade de abordar o assunto da educação alimentar, sim, eu procuro conversar com os estudantes*. A entrevistada 6, em concordância, afirma que *sempre que tu (professor) está trabalhando, mesmo que não seja esse conteúdo específico, tu vai acabar trazendo isso (alimentação saudável/balanceada) porque é uma questão do dia a dia das pessoas*.

Alguns entrevistados citaram momentos específicos em aula, nos quais promovem estas relações em sala de aula, como é o caso das entrevistadas 6 e 7, durante as aulas de ecologia; da entrevistada 1, durante as aulas sobre nutrientes e células; e do entrevistado 3, durante as aulas de bioquímica. Por outro lado, os entrevistados 3 e 4 revelam trabalhar os tópicos “nutrição e alimentação saudável” mais diretamente no Ensino Fundamental, período pelo qual afirmam dispor de um maior tempo para abordar este tema.

Neste cenário, o impacto que o professor e suas abordagens em aula pode gerar no aluno, é destacado por Davanço, Taddei e Gaglianone (2004). Para estes autores, o professor pode tornar-se o sujeito central entre aqueles que promovem saúde no âmbito escolar, porque está mais inserido na realidade sociocultural do discente.

Na segunda pergunta da entrevista - **Qual a sua percepção acerca dos conhecimentos prévios dos alunos em relação a este tema? Como você percebe isto?** - todos os entrevistados

afirmaram que os alunos apresentam algum conhecimento prévio antes do tema ser trabalhado em aula, como mostra o quadro abaixo.

**Quadro 4** – Conhecimentos prévios dos alunos

<b>Resposta/entrevistado</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>Total</b>
Demonstram algum conhecimento	X	X	X	X	X	X	X	7
Não demonstram conhecimentos								

Fonte: elaborada pelo autor, a partir dos dados coletados na pesquisa.

Além dos conhecimentos prévios, a entrevistada 1 revela: *nossos alunos já participam desse debate (educação alimentar) na escola desde a educação infantil, então se mostram geralmente bem apropriados sobre o assunto*. Em concordância, o entrevistado 3 afirma que *os alunos têm conhecimentos prévios, não as bases teóricas e talvez não o conhecimento ideal, mas eles carregam uma bagagem interessante, talvez até pelo conteúdo do ensino fundamental, onde a questão da alimentação saudável é trabalhada mais fortemente*.

A respeito da presença do tema educação alimentar e nutricional desde a infância, Davanço, Taddei e Gaglianone (2004) evidenciam a importância da intervenção no comportamento alimentar ainda durante os primeiros estágios de vida, o que poderá favorecer as aprendizagens típicas dessa fase do desenvolvimento e crescimento infantil, resultando em condutas alimentares mais saudáveis. Mesmo explicitando sua crença na noção de que os estudantes, ao inserirem-se nas escolas, já venham com saberes prévios sobre o assunto, a entrevistada 7 ainda ressalta: *alguns alunos sim, trazem este valor de uma alimentação saudável de casa, por causa da família*.

No entanto, alguns entrevistados afirmaram que muitas vezes os alunos apresentam noções equivocadas em relação ao assunto, no caso da entrevistada 2, ao dizer que *eles (alunos) têm um conhecimento prévio, mas algumas coisas meio erradas sobre o funcionamento do metabolismo e muitos tabus também*; e no caso da entrevistada 5, ao apontar que *os alunos apresentam muitas dúvidas em relação à nutrição, muitos conhecimentos desconhecidos, muitas coisas que eles veem na internet, muitas dietas malucas*.

Em relação aos saberes prévios dos alunos com incorreções, Toral et al (2006) destacam a interpretação equivocada acerca do próprio consumo alimentar como um fator que dificulta a

mudança de hábitos do indivíduo, resultando na percepção de que modificações no seu comportamento alimentar não são necessárias.

O Quadro5 apresenta as repostas dos entrevistados em relação à terceira pergunta da entrevista: **Na sua concepção, por que o tópico “educação alimentar” é necessário ou importante de ser trabalhado?**

**Quadro 5** – Importância da Educação Alimentar

<b>Resposta/entrevistado</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>Total</b>
Tornar-se mais consciente	X				X			2
Prevenção de doenças/ tornar-se mais saudável	X	X	X		X	X	X	6
Faz parte do dia-a-dia/da realidade			X	X				2

Fonte: elaborada pelo autor, a partir dos dados coletados na pesquisa.

As respostas dos entrevistados me permitiram identificar que a importância dos ensinamentos sobre “Educação Alimentar” relaciona-se diretamente com as possibilidades de promover saúde e a consequente prevenção de doenças. A entrevistada 1 relaciona educação alimentar à consciência ambiental e ao desperdício de alimentos. *A educação alimentar faz parte de uma educação integral, onde o indivíduo é protagonista da sua vida podendo escolher com consciência o alimento que lhe traz saúde e com responsabilidade de consumo, sem desperdício e com consciência ambiental.* Em um trecho do relato, a entrevistada 5 diz: *eu acredito que educação alimentar é a base de tudo, tu ter conhecimento do que tu come, dos benefícios e malefícios que isso pode trazer para o teu organismo.*

Também, a entrevistada 6 cita a educação alimentar como base para uma vida saudável. *A educação alimentar vai te dar uma base para tu ter um hábito alimentar que vai te dar saúde,* assim como a entrevistada 7 relaciona alimentação saudável com uma maior qualidade de vida e a questões estéticas, ao afirmar que *uma alimentação saudável promove boa qualidade de vida, previne doenças. O melhor remédio está na prevenção gerada por uma boa alimentação, podendo prevenir diabetes, obesidade e a própria questão da estética que eles (alunos) se preocupam bastante, do sobrepeso e de pele.*

Assim como as respostas dos entrevistados, maior qualidade de vida e promoção de saúde também são apontadas por Deminice et al (2007) e Coutinho, Gentil e Toral (2008). Para os

primeiros, a educação alimentar e nutricional apresenta-se como uma ferramenta essencial à adoção de hábitos alimentares saudáveis e à prevenção e controle da obesidade e sobrepeso. Os últimos relacionam outras DCNTs, além de obesidade e sobrepeso aos problemas alimentares e nutricionais, além de citar a promoção e adoção de hábitos alimentares saudáveis como estratégia de saúde pública essencial no combate e prevenção dos mesmos.

Interpretando-se o Quadro 5, é possível identificar que os entrevistados 3 e 4 concordam em relação à presença do tema no dia-a-dia do aluno, atribuindo também a este fato a necessidade de se trabalhar o assunto. Na conversa com o entrevistado 3, apareceu a noção de alimentação não saudável, como sendo uma “válvula de escape” das pessoas em relação às dificuldades que enfrentam diariamente. *A relevância de tu (professor) trabalhares educação alimentar na educação é fundamental, pois há um histórico onde a população mundial desconta na alimentação os problemas do dia-a-dia.* Em trecho relatado pela entrevistada 4, ela afirma que a educação alimentar *faz parte da realidade dos nossos estudantes, precisamos sair das “caixinhas” de conteúdos prontos e se envolver mais com o dia a dia do aluno.*

O Quadro 6, que apresenta as respostas dos entrevistados à quarta pergunta - **Como você aborda esse tópico em aula (procedimentos metodológicos, atividades etc.)?** - evidencia a presença da metodologia por meio de aulas expositivas no Ensino Médio nos colégios/escolas onde os entrevistados trabalham. Gaglianone (2003 apud DETEGRIACHI, 2008), em substituição aos métodos tradicionais de ensino, recomenda o desenvolvimento de materiais e estratégias de ensino inovadoras.

**Quadro 6** – Procedimentos metodológicos

<b>Resposta/entrevistado</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>Total</b>
Aulas expositivas	X	X	X	X	X	X	X	7
Projetos				X	X			2
Aulas práticas	X				X	X		3
Trabalhos de pesquisa	X							1
Palestras	X			X				2
Saídas de campo					X			1

Fonte: elaborada pelo autor, a partir dos dados coletados na pesquisa.

No entanto, é possível observar, além deste tipo de metodologia, outros procedimentos metodológicos associados às aulas expositivas, nos casos dos entrevistados 1, 4, 5 e 6. De acordo com a entrevistada 1, a escola onde trabalha dispõe de diversas oportunidades para a abordagem do tópico, como observamos na sua fala a seguir:

*Durante as aulas sobre nutrientes e célula no 1 ano do ensino médio onde analisamos as embalagens de alguns produtos consumidos pelos alunos como merenda. Além disso, temos uma feira orgânica que vem à escola a cada quinze dias e para incentivá-los no consumo trazemos uma nutricionista para um bate papo. Fora esses momentos, durante apresentações de trabalhos de pesquisa em grupo e leitura de textos e artigos também.*

A respeito da presença do nutricionista na escola, Costa, Ribeiro e Ribeiro (2001) citam a importância do papel deste profissional em âmbito escolar, visto que este exerce sua função sempre que há interação entre o homem e o alimento. Logo, para os autores, o nutricionista também pode promover saúde e conhecimento na escola por meio de atividades educativas teórico-práticas.

A entrevistada 4 relata que a “Educação Alimentar” é um tópico bastante abordado em forma de projetos no colégio em que trabalha e exemplifica com um projeto realizado no ano de 2016.

*Para o Ensino Médio realizamos, em nível de projeto, no ano passado, a busca da alimentação saudável com uma parceria com escola Marista do Chile. Foi uma experiência bem interessante. Os alunos fizeram intercâmbio para o país e ficaram em casas de família, experimentando a culinária Chilena. Isso aconteceu também com os Chilenos que vieram para o Brasil. Além deste projeto, também foi realizado um estudo com a parte esportiva que também integra esta questão da alimentação saudável, com palestra com nutricionistas e atletas.*

Em concordância, a entrevistada 5 também conta que o tópico é abordado por meio de projetos no colégio que trabalha e que durante a realização de tais projetos, diversas metodologias são empregadas em integração.

*Na escola existe um projeto, onde a gente aborda não só a questão de alimentação saudável, mas temas como a sexualidade e uso de drogas na adolescência. Isso é abordado por meio de textos, filmes, documentários, promovemos saídas de campo, onde eles (alunos) fazem determinados tipos de*



*alimentação, mexem em ervas, conhecem alimentos e suas propriedades para a saúde.*

A mesma ainda destaca as aulas práticas, onde os alunos têm a oportunidade de manusear os alimentos. *Em sala de aula também. Faço aulas práticas, onde eles (alunos) podem tocar os alimentos, podem conhecer as propriedades, identificar cada alimento, saber os benefícios de cada um para o corpo. Aulas práticas onde eles (alunos) possam efetivamente manusear e compreender um pouco sobre eles (alimentos).* Valendo-se deste mesmo tipo de metodologia, a entrevistada 6 também trabalha de forma prática este conteúdo com seus alunos, em momentos específicos. *Eu fiz essa questão de eles (alunos) poderem identificar o que eles comem, que tipos de nutrientes eles ingerem, o quanto eles estão comendo, quantas calorias. Também já medimos o índice de massa corporal em aula.*

Compartilhando deste pensamento, Loureiro (2004) sublinha que a opção por uma alimentação saudável por parte dos alunos tem de ser estimulada pelos professores e pela comunidade escolar, através de métodos que despertem o interesse, a criatividade e a capacidade de elaborar suas próprias refeições. Schimtz et al (2008), além de citar o espaço escolar como propício à promoção de saúde, mencionam que os programas e práticas envolvidos neste processo devem apresentar caráter ativo, lúdico e interativo, favorecendo mudanças de atitude e do comportamento alimentar do aluno.

Os entrevistados 2, 3 e 7 relataram que suas aulas são principalmente aulas expositivas. No caso do entrevistado 3, ele afirma que dispõe de um período semanal para aulas práticas em laboratório, mas que os tópicos abordados são outros. *A gente (professor e alunos) tem um período de aula prática de biologia por semana no laboratório, claro que a gente não consegue fazer esta aula prática toda semana, então as aulas acabam sendo mais teóricas e também não são sobre este assunto (educação alimentar).* Semelhantemente, a entrevistada 7 revela que *no ensino médio, fico mais na oralidade e na valorização em função da merenda da escola e do lanche que eles (alunos) trazem, então eu aproveito certos conteúdos, onde eu posso fazer o gancho com esse assunto (educação alimentar).*

No Quadro 7, estão listadas as repostas dos entrevistados à quinta pergunta - **Você acredita que, após as aulas de Biologia com ensinamentos sobre tais tópicos, os estudantes poderiam se tornar mais conscientes acerca de sua própria alimentação? Por que e através de quais situações?** - especificamente na sua primeira parte.

### Quadro 7 – Conscientização alimentar dos alunos

Resposta/entrevistado	1	2	3	4	5	6	7	Total
Sim	X	X	X	X	X	X	X	7
Não								

Fonte: elaborada pelo autor, a partir dos dados coletados na pesquisa.

Observando as respostas do Quadro7, fica claro que todos os entrevistados acreditam que o aluno se torna mais consciente acerca de sua própria alimentação após a abordagem dos tópicos sobre alimentação saudável e nutrição, durante suas aulas de Biologia. A partir desta resposta positiva unânime, variadas respostas foram obtidas para a segunda parte desta pergunta: o porquê de os entrevistados acreditarem que o aluno se torna mais consciente após a abordagem de tais tópicos. **[Por que e através de quais situações?]**

Para os entrevistados 1 e 3 há uma relação direta entre conscientização alimentar e saúde. A entrevistada 1 acredita que a conscientização permite ao aluno refletir sobre seus próprios hábitos ao dizer que *eles (alunos) refletem sobre seus hábitos e as consequências para a sua própria saúde*, enquanto o entrevistado 3 destaca o conteúdo específico de bioquímica por facilitar o entendimento do funcionamento do corpo humano. *Eu acho que a parte de bioquímica do Ensino Médio ganha uma relevância muito grande porque tu (aluno) entende as rotas metabólicas e porque que aquilo (alimento) faz mal ou não.*

Detregiachi (2008) afirma que a o acesso à informação acerca dos benefícios ao se consumir certos alimentos em detrimento de outros facilita o processo de conscientização alimentar, e a consequente escolha por alimentos mais nutritivos e saudáveis. Assim, o conhecimento possibilita ao indivíduo buscar uma alimentação mais balanceada de forma consciente, considerando suas necessidades nutricionais e a própria saúde. Além de relacionar conscientização e saúde, a entrevistada 7 vai além, ao incluir o fator estético em seu relato. *Eu percebo que alguns alunos se tornam mais conscientes em relação à alimentação, principalmente as meninas que se preocupam mais com essa questão da estética, então eu sempre procuro mostrar a questão da saúde também, que é o principal.*

Os entrevistados 3 e 4 ressaltam que o papel da educação, não somente em relação à sua própria alimentação, é tornar o aluno mais consciente. O entrevistado 3 revela: *eu acho que a função da educação está aí para isso, para tornar os alunos mais conscientes.* A entrevistada 4

completa: *tudo que é aprendido serve para algo, se você traz argumentações e solidez ao trabalho, com fatos reais e comprovações científicas não tem como pensar negativamente.*

Concordando com estes, a entrevistada 5 relaciona escola e família, e como ambos influenciam na conscientização do aluno. Ela acredita que família e escola precisam trabalhar em conjunto, um reforçando o papel do outro.

*Acredito sim que as aulas ajudam muitos a se tornarem conscientes, mas também acho que precisa de um reforço da família. Não adianta a escola trabalhar, orientar, falar, mostrar e o aluno chegar em casa e na mesa dele estar disponível somente alimentos que não são saudáveis. Fica difícil se a escola diz uma coisa e a família faz outra. Acho que precisa ser um papel conjunto, onde a escola tem que fazer seu papel, mas a família precisa reforçar também.*

Já a entrevistada 6 menciona a influência que os aprendizados na e da escola podem gerar na família do aluno. *Eles (alunos) levam para casa, mesmo que eles não consigam assimilar 100% daquilo que tu (professor) fale, mas o que eles assimilarem, eles vão levando para casa.* A literatura pertinente tem nos mostrado resultados de pesquisas que corroboram os relatos dos entrevistados, como àquelas que se valeram da educação alimentar e nutricional como estratégia de intervenção em âmbito escolar, apontando melhoras nos hábitos alimentares dos estudantes e de seus familiares, além de obterem conhecimentos sobre nutrição (MULLER et al, 2001; PÉREZ-RODRIGO; ARANCETA, 2001 apud DETEGRIACHI, 2008).

O Quadro 8 mostra as respostas dos entrevistados à sexta pergunta da entrevista - **Você acredita que apenas os professores de Biologia estão preparados a ensinar sobre alimentação e nutrição na escola? Se não, quais professores de outras áreas também poderiam trabalhar este tópico?**

**Quadro 8** – Áreas dos professores

<b>Resposta/entrevistado</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>Total</b>
Professores de outras áreas, além dos professores de Biologia	X	X	X	X	X	X	X	7
Professores de Educação Física	X					X		2
Professores de Geografia	X			X				2
Professores de História	X			X		X		3

Professores de Inglês	X							1
Professores de Filosofia	X							1
Professores de Português				X				1
Professores de Matemática				X				1
Professores de Sociologia	X							1

Fonte: elaborada pelo autor, a partir dos dados coletados na pesquisa.

Ao analisar o quadro acima, percebe-se que todos os entrevistados acreditam que não apenas o professor de Biologia está preparado para ensinar sobre alimentação e nutrição na escola, mas também os professores de outras áreas podem abordar o assunto em sala de aula. Os entrevistados 2, 3, 5 e 7 não citaram qualquer área em específico em suas falas. Já as entrevistadas 2 e 5 acrescentaram que esta abordagem deve ser feita somente se o professor, independentemente de sua área, apresente um domínio sobre o tema. Enquanto a entrevistada 2 afirma que *vários* (professores) *podem abordar o assunto desde que tenham um conhecimento significativo*, a entrevistada 5 relata:

*Eles (professores) precisam estar seguros e preparados, precisam ter conhecimentos. Acho que não dá para tu falar qualquer coisa para o teu aluno. Nós sabemos que nem todos os professores tem hábitos saudáveis, então as vezes é melhor não falar nada do que dar uma orientação errada para o teu aluno. Acho que se tiver dúvidas e inseguranças, então não aborda o assunto. É papel de todos ter essa informação, saber sobre o que tu ingere, sobre os malefícios e benefícios, mas acho que para tu passar isso para um adolescente é preciso tu (professor) estar bem consciente e seguro.*

De acordo com a entrevistada 1, alimentação e nutrição são assuntos que podem ser trabalhados em todas as áreas. *Aqui na escola os professores de educação física, história, inglês e língua portuguesa eu sei que trabalham, mas é um assunto possível para todas as áreas. Eu percebo claramente a abordagem possível através da geografia, filosofia e sociologia.* Neste mesmo pensamento, a entrevistada 7 revela:

*Eu acho que, todos os professores, sempre que tiverem oportunidade em sala de aula, dentro do seu contexto, podem abordar este tema. Eu acho que esse compromisso (educar) tem que ser de todos (professores e áreas), porque alimentação é educação e todos estão envolvidos nesse processo, então acho que todos poderiam contribuir com isso.*

As entrevistadas 4 e 6 apontaram algumas das áreas, além da Biologia, das quais os seus respectivos professores podem trabalhar este tema com seus alunos. Para a entrevistada 4:

*Nós (professores) somos mediadores do processo ensino aprendido. Seria muito egoísmo profissional da minha parte, achar que este tema poderia ser trabalhado somente por professores de Biologia. Existe formas de projeto com dados estatísticos (Matemática) e com o histórico de cada alimento (História), regiões que tem ou não tais alimentos (Geografia) com redações sobre o tema (Língua Portuguesa) e assim por diante.*

Da mesma forma, a entrevistada 6 cita especificamente os professores de História, além dos de Educação Física, mas reforçando que o tema pode ser trabalhado por professores de todas as áreas.

*Eu acho que todo o professor tem condição de trabalhar o tópico de alimentação saudável, seja o (professor) de História, por exemplo, que pode fazer um apanhado de como foi a alimentação no decorrer dos anos ou, por exemplo, o que aconteceu com alimentação depois da revolução industrial que transformou o mundo. Porque hoje as pessoas se tornaram sedentárias etc. Então Educação Física, História, independentemente de qualquer conteúdo.*

Para o entrevistado 3, a formação do professor o prepara para que possa abordar o tema em sala de aula, independentemente de sua área. “A gente (professores) tem tudo que é necessário e se isso não acontece, não necessariamente é por falta de preparo. Acho que para nível de escola a gente (professores) está muito bem preparado para lidar com essa questão (Educação Alimentar).

As respostas obtidas com os entrevistados revelam a transdisciplinaridade deste tema. A Portaria Interministerial nº. 1.010 de 8 de maio de 2006 (BRASIL, 2006), além de sensibilizar e capacitar os profissionais envolvidos com a alimentação na escola, busca incorporar o tema alimentação saudável no projeto político pedagógico da escola, de modo a abranger todas as áreas do conhecimento escolar. Autores como Poulain e Proença (2003) também evidenciam o caráter pluridisciplinar que apresenta o complexo fenômeno da alimentação humana. Neste mesmo pensamento, Schimtz et al (2008) destacam que os conhecimentos acerca do tema são indispensáveis ao educador e devem ser utilizados em suas estratégias pedagógicas, objetivando a transversalidade do aprendizado pelo educando.

Em relação à sétima pergunta da entrevista - **Qual a sua percepção acerca do interesse do aluno sobre esse tema? Como você percebe isto?** - as respostas obtidas aparecem no Quadro 9:

**Quadro 9** – Interesse do aluno pelo tema

<b>Resposta/entrevistado</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>Total</b>
Demonstram interesse	X	X	X	X	X	X		6
Não demonstram interesse							X	1

Fonte: elaborada pelo autor, a partir dos dados coletados na pesquisa.

Analisando-se o quadro, é possível perceber que à exceção da entrevistada 7, as demais respostas indicam que os alunos demonstram interesse pelos tópicos nutrição/alimentação saudável. O restante dos entrevistados afirma que todos ou pelo menos a maioria dos alunos demonstram-se interessados pelo assunto. No entanto, ao serem questionados como percebem o interesse ou desinteresse dos alunos, as respostas dos entrevistados variaram bastante.

A entrevistada 7 revela que o interesse pelo tema e a consequente conscientização do aluno está diretamente relacionada à maturidade deste. Para ela, os alunos não demonstram a maturidade necessária para compreender a importância de uma alimentação saudável. Além disso, ela também cita a importância do ambiente familiar e escolar na afirmação de bons hábitos alimentares.

*Talvez eles (alunos) não deem tanta importância para isso (alimentação saudável) agora como deveriam dar. Acho que a questão da consciência de uma alimentação saudável também é uma questão de maturidade, não vejo eles (alunos) agora com essa maturidade, mas isso é algo que se trabalha, que também tem que vir de casa. Não pode ser um compromisso só nosso (escola). A família também tem que dar exemplo e contribuir para isso (educação alimentar). Não pode encher o armário de bolachinha. É muito fácil comprar uma bolachinha e dar de merenda. Os pais também têm que se alimentar adequadamente na frente dos filhos e nós professores também temos que ser um bom exemplo, mas eu acho que eles precisam amadurecer em relação a isso.*

Apesar de entrevistada 4 relatar que os alunos acham o tema interessante, ela menciona a frustração dos alunos por muitas vezes não conseguirem colocar em prática os ensinamentos acerca de uma alimentação saudável que aprendem na escola. Em concordância com a

entrevistada 7, a entrevista 4 ainda ressalta a importância da família no sucesso alimentar do aluno. *Eles (alunos) muitas vezes se sentem desconfortáveis em não conseguir realizar uma alimentação saudável, porque muitas famílias optam pelo mais prático e a alimentação fica precária.*

De acordo com o entrevistado 3, o fato do tema estar relacionado ao corpo humano e seu funcionamento desperta o interesse do aluno. *Os alunos têm bastante interesse sobre esse tema, mais do que eu espero até. Quando o conteúdo passa pela realidade deles (alunos), eles acabam tendo mais interesse. Sempre que se fala algo sobre o corpo gera interesse.* As entrevistadas 2, 5 e 6 disseram que percebem o interesse dos alunos pela participação destes nos momentos em que abordam o assunto. E a entrevistada 5 expressa ainda que a abordagem do tema em sala de aula viabiliza a mudança de hábitos alimentares dos estudantes.

*Eles (alunos) se mostram muito interessados, participativos. Fazem muitas perguntas em aula. Querem falar sobre o que comem para saber se está certo ou errado. Querem trazer casos que eles conhecem. Então, sim é um assunto que mobiliza eles e com os conhecimentos adquiridos, muitas vezes eles mudam os hábitos sim e se tornam mais saudáveis. Apresentam movimentos para tentar comer melhor. Acho que é um papel muito grande que a escola tem e sim, eles captam aquilo que a gente (professor) quer trabalhar com eles.*

A entrevistada 6, por sua vez, acredita que os alunos do Ensino Fundamental demonstram mais interesse pelo assunto. *Talvez porque isso (educação alimentar) seja plantado desde pequeno, isso é algo que eles (alunos) se interessam. Eu vejo que é algo que eles gostam muito de falar e, principalmente, quanto mais novos eles são mais eles gostam de falar.* E a entrevistada 1 especifica alguns momentos em que percebe o interesse dos alunos pelos temas. Ela diz que os alunos *sempre se mostram bem interessados no assunto. Eles adoram a aula sobre análise dos rótulos de alimentos e a aula sobre montagem de dieta balanceada.*

No Quadro 10, encontra-se a relação das respostas obtidas para a pergunta número oito da entrevista - **Qual o seu papel na Educação Alimentar do aluno?**

**Quadro 10** – Papel do professor na Educação Alimentar do aluno

<b>Resposta/entrevistado</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>Total</b>
Orientar/aconselhar/instruir	X	X	X		X		X	5
Formar						X		1

Educar						X		1
Facilitar/mediar			X	X	X	X	X	4
Servir de exemplo					X		X	2
Investigador			X					1
Gerar autonomia					X			1
Acredita ter pouco papel			X					1

Fonte: elaborada pelo autor, a partir dos dados coletados na pesquisa.

Analisando as respostas à pergunta oito, além da heterogeneidade de respostas, também é possível perceber que cinco dos sete entrevistados atribuem a si mesmos o papel de orientar/aconselhar/instruir o aluno em relação à sua própria alimentação, sendo a palavra *orientar/orientação* a mais utilizada pelos entrevistados, como mostra o Quadro 10. Orientar/aconselhar/instruir também aparecem na literatura como deveres dos educadores. Amodio e Fisberg (2005 apud DANELON; DANELON; SILVA, 2006, p. 91) acreditam que “os educadores devem ensinar os alunos a optar pelo melhor, instruindo sobre os efeitos que cada tipo de alimento pode causar ao organismo, visando evitar, por exemplo, que um alimento menos nutritivo se transforme na principal refeição da criança”.

O papel do professor de facilitar/mediar o conhecimento aos alunos recebeu também destaque pelos entrevistados, aparecendo quatro vezes. Dois dos sete entrevistados mencionaram em seus relatos que devem servir de exemplo para os alunos, enquanto que os outros papéis listados foram citados apenas uma vez nas sete entrevistas

Para o entrevistado 3, seu papel na educação alimentar do aluno poderia ser maior. Ele atribui à sua pequena participação na educação alimentar do aluno o fato de este, em geral, realizar a maioria de suas refeições em casa e também a pouca disponibilidade de alimentos saudáveis pela escola.

*Acho que se o aluno se alimentasse aqui (escola), talvez isso (educação alimentar) fosse um pouco diferente, a gente (professores) talvez pudesse conseguir introduzir isso (a educação alimentar) mais um pouco, mas é bem pequeno (papel). Eu procuro, sempre que posso, falar e explicar, mas poderia ter um papel maior nisso (educação alimentar). A gente tem um bar terceirizado na escola, onde eu percebo que a alimentação dos alunos é nada saudável. Eles acabam consumindo salgados folhados, enroladinhos, coisas do tipo, mas pouco refrigerante.*



No caso da entrevistada 4, além de mediar o conhecimento, ela precisa estar sempre atualizada em relação a temas atuais e presentes.

*Tenho um papel importante, sou uma profissional que preciso estar à frente de muitos assuntos reais e polêmicos, sempre me reestruturar intelectualmente. Isso é muito importante e significativo para o professor e para o aluno. Eles (alunos) querem o novo. Querem mediação e também desafios. Hoje, a alimentação saudável é um desafio para os estudantes.*

A entrevistada 6 ressalta que possui o papel de formadora e educadora do aluno, além de facilitadora do conhecimento. Concordando com o papel de facilitar/mediar o conhecimento, a entrevistada 7 atribui também ao professor os papéis de orientar e servir de exemplo ao aluno. *Meu papel é dar um bom exemplo. Eu tento mostrar para eles (alunos) os benefícios de uma boa alimentação, o porquê que isso é bom, o que isso te traz de bacana agora e para o teu futuro.*

Assim como a entrevistada 7, a 5, também acredita que deve servir de exemplo para o mesmo, além de orientar e facilitar/mediar o conhecimento ao aluno. No entanto, ela relata a importância em deixar que o adolescente haja com autonomia nas suas escolhas.

*Com adolescente a gente não pode tentar pregar o que é certo ou errado, porque no momento que vira uma pregação, vira um “saco”. As vezes eles até fogem disso (ensinamentos). Então eles (alunos) não têm que entender como uma coisa moral. Acho que tu (professor) tem que passar a informação. Tu tem que fazer um trabalho, onde eles entendam que aquilo é para o bem deles e para eles terem conhecimento e que a partir dali possam se gerenciar, saber se querem continuar consumindo coisas que façam mal, ou se querem ter hábitos saudáveis, mas deixar ao critério deles. A informação e o exemplo são os meios mais importantes para um jovem. Também não adianta tu dizer uma coisa para eles e fazer outra. Essa falta de clareza não vai ajudar muito.*

Nesta mesma a direção, Toral et al (2006) ressaltam a importância da autoavaliação acerca dos aspectos dietéticos do indivíduo, sendo essa essencial para que o mesmo possa agir de forma autônoma a adotar melhores hábitos alimentares. Os autores McGinnis e Degraw (2000 apud DAVANÇO; TADDEI; GAGLIANONE, 2004) são outros que destacam a importância da promoção de saúde na escola, bem como da conscientização em relação à adoção de hábitos saudáveis, como fatores que capacitam o indivíduo a agir com autonomia de forma a promover sua própria saúde e a de sua família.

As respostas atribuídas à pergunta nove - **Na sua percepção, ocorre aprendizagem quando o estudante não está alimentado? Qual é a importância de o aluno estar alimentado durante as aulas?** - em sua primeira parte, são apresentadas no Quadro 11.

**Quadro 11** – Relação alimentação-aprendizagem

<b>Resposta/entrevistado</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>Total</b>
Não	X	X	X		X	X	X	6
Não tenho este conhecimento				X				1

Fonte: elaborada pelo autor, a partir dos dados coletados na pesquisa.

Conforme apresentado no quadro, todos os entrevistados disseram não ocorrer aprendizagem se o aluno não estiver alimentado, exceto a entrevistada 4, que afirma não ter este conhecimento. Ela revela: *Não tenho este conhecimento. Os alunos que eu leciono vêm de uma realidade financeira acima dos padrões. Eles (alunos) estão sempre alimentados. Agora, muitas vezes, a alimentação pode não ser saudável.*

Em relação à importância de o aluno estar alimentado durante as aulas, as respostas obtidas para a segunda parte da pergunta nove aparecem no quadro a seguir.

**Quadro 12** - Importância de o aluno estar alimentado

<b>Resposta/entrevistado</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>Total</b>
Atividade cerebral/raciocínio	X		X		X		X	4
Concentração	X	X						2
Disposição/desempenho físico	X				X	X	X	4
Não tenho este conhecimento				X				1

Fonte: elaborada pelo autor, a partir dos dados coletados na pesquisa.

As duas respostas mais citadas pelos entrevistados relacionam o aluno que está alimentado a uma maior atividade cerebral/maior capacidade de raciocínio e a uma maior disposição/desempenho físico em aula. Apenas dois dos sete entrevistados relacionaram a influência de estar alimentado à concentração do aluno. As entrevistadas 1 e 2 citam a importância de o aluno estar alimentado para manter-se concentrado em aula. De acordo com a segunda entrevistada *o aluno mal alimentado perde a concentração total e não consegue focar*

na aula. Já a primeira entrevistada, além da falta de concentração, também cita a importância de o aluno estar alimentado para que a atividade cerebral/raciocínio e disposição/desempenho físico não fiquem prejudicadas.

*Sabemos da importância da alimentação equilibrada para a obtenção de energia necessária ao funcionamento cerebral durante as atividades e durante a aprendizagem. A falta de alimento vai interferir na concentração, no raciocínio e também nas práticas físicas do aluno. Então a saúde física e mental depende de uma alimentação equilibrada.*

Para o entrevistado 3, além de estar alimentado o aluno precisa estar descansado. *O aluno tem que estar alimentado e com o sono em dia. Tem que estar com tudo em dia. A alimentação vai influenciar diretamente no quanto o aluno raciocina porque o cérebro é o órgão que mais depende de glicose, então a alimentação vai influenciar direto na aprendizagem.*

As entrevistadas 6 e 7 concordam ao destacar que o processo de aprendizagem é dificultado quando o aluno não está alimentado, destacando uma menor disposição física por parte deste. A entrevista 6 ressalta que o aluno *vai ficar mais cansado, mais lento. Tem estudos que revelam isso, que um aluno bem alimentado vai estar com mais disposição e mais condições de estar aprendendo.* A entrevistada 7 revela que *a aprendizagem depende de uma boa alimentação.* Ela ainda inclui em sua resposta os relatos de seus alunos, ilustrativos de algumas situações em que seus alunos não se alimentaram corretamente:

*Eu vejo isso no turno da manhã e principalmente a tarde seguidamente. O aluno diz: “sora estou com dor de cabeça, não estou passando bem”, aí tu (professor) pergunta para o aluno: “O que tu almoçou? O que tu comeu?” e aí tá explicado. O aluno não se alimentou direito. Então com certeza uma boa alimentação vai refletir no aproveitamento deles (alunos) em sala de aula, e a deficiência dela é pior ainda, porque daí a gente sabe que o aluno mal alimentado vai ter sérias dificuldades. Eles precisam estar bem alimentado, bem nutrido para poder ter um bom desempenho, tanto físico quanto mental.*

A entrevistada 5 aproveita a pergunta para relatar uma situação que vivenciou em sua escola, ressaltando a importância da alimentação para o funcionamento do organismo.

*Vimos agora pouco um caso de um aluno que desmaiou porque não estava alimentado. Então é óbvio, sem alimento, sem a base nutricional, ninguém consegue raciocinar. A alimentação é a base para o bom funcionamento do*

*organismo e do cérebro. Todos precisam estar bem alimentado para adquirir o conhecimento.*

A pergunta final da entrevista - **Do seu ponto de vista, o que é educação alimentar?** - resultou em respostas bastante heterogêneas, mas com um ponto em comum: todos os entrevistados relacionaram o tema “educação alimentar” à saúde e à importância de se conhecer os nutrientes e propriedades dos alimentos que se consome. Conforme a entrevistada 2, educação alimentar *é se alimentar de forma saudável com nutrientes importantes para a manutenção do organismo, do bem-estar físico e mental.* A entrevistada 4 aponta a importância de uma alimentação saudável, que contenha os nutrientes necessários para o funcionamento do corpo, além da relevância de se trabalhar o tema desde a infância do aluno. Ela revela que educação alimentar:

*É tu se alimentar bem, com alimentos que supram as necessidades nutricionais básicas, como vitaminas, proteínas, carboidratos, sais minerais e gorduras boas. A gente não pode esquecer do líquido que também é importante para hidratar o corpo. Então, esta prática (educação alimentar) deve ser introduzida desde pequenos, durante a Educação Infantil. É tu expor aos estudantes os benefícios destes alimentos, que é a algo que os beneficia. A alimentação é uma fonte de prazer, então educação alimentar é tu comer de forma saudável e valorizar a própria saúde.*

Da mesma forma, a literatura aponta que uma alimentação saudável é composta por todos os grupos de alimentos (cereais, hortaliças, frutas, leguminosas, leite, carnes e ovos, açúcares e óleos), sendo capaz de fornecer água, carboidratos, proteína, lipídios, vitaminas, fibras e minerais, os quais se mostram essenciais ao bom funcionamento do organismo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008).

O trabalho conjunto entre família e escola é indispensável para que o aluno desenvolva bons hábitos alimentares, do ponto de vista da entrevistada 7. Ela revela que educação alimentar *é um compromisso de todos. Da escola, das famílias, do próprio aluno em querer, em valorizar e saber que isso (educação alimentar) é bom para ele (aluno) e para todos.* Ela também ressalta o valor de se praticar bons hábitos e que estes devem ser executados de forma contínua. *Não adianta só deixar isso (aprendizado) em palavras, em atividades. Isso tem que ser praticado diariamente e continuamente, não somente quando se faz uma dieta.* Ela finaliza dizendo que

para ela, educação alimentar *é aquela alimentação equilibrada, saudável, equilibrada em quantidade e em variedade.*

As entrevistadas 5 e 6 expressam de forma semelhante suas definições de educação alimentar. Ambas citam a importância de se ter conhecimento dos benefícios e malefícios dos alimentos que se ingere, e de suas consequências. A entrevistada 5 afirma que educação alimentar *é oportunizar aos estudantes que eles tenham conhecimento sobre o que ingerem, sobre o que estão se alimentando. É saber os malefícios e os benefícios do que eles consomem. quais as consequências imediatas e futuras que determinados tipos de dietas podem trazer para saúde.* Similarmente, a entrevistada 6 revela que educação alimentar *é tu compreender tudo o que tu precisa comer e tudo que aquilo vai te trazer. É tu compreender tudo aquilo que tu come e tudo que aquilo te traz de ruim.*

Para a entrevistada 1, a educação alimentar traz outros benefícios além da saúde. De acordo com ela *uma alimentação saudável e balanceada reflete em vários aspectos da nossa vida como saúde, longevidade, humor, capacidade de aprender, trabalhar e até mesmo na disposição.* Ela finaliza sua fala ressaltando a importância em sentir prazer ao se alimentar bem, através de uma educação do paladar. *É necessário fazer uma educação do paladar, onde deve haver prazer no consumo de alimentos saudáveis com menor quantidade de açúcar e gordura. Acho que o estímulo à prática de atividade física também colabora para o hábito de uma alimentação mais saudável.*

No caso do entrevistado 3, ele sublinha que o entendimento de como o metabolismo do corpo humano funciona é importante para que o próprio aluno perceba o que pode ser bom ou ruim para si. Ele define educação alimentar como sendo *a parte de tu debater com o teu aluno sobre as implicações da alimentação do dia-a-dia. É conversar e explicar para o aluno o que acontece com o alimento no corpo dele, para que até ele mesmo se dê conta do que é bom ou ruim para o corpo dele.*

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realização desta pesquisa, e seus estudos correlatos, me possibilitou construir uma análise do contexto brasileiro atual, referente à situação nutricional da população do Brasil, de forma geral, bem como sobre as dificuldades nutricionais identificadas na literatura pertinente e

nos dados empíricos. Juntamente à contextualização do país em relação ao assunto, a importância do espaço escolar e do corpo docente também foi explorada, através da pesquisa de coleta de dados mais aprofundada, acerca das percepções de professores de Biologia em relação ao seu papel na conscientização alimentar do aluno.

Os resultados apresentados nesta pesquisa, advindos das respostas de entrevistados às perguntas formuladas pelo autor, além dos estudos sobre a literatura específica deste campo de estudo e trabalho, evidenciaram a significância do objeto de pesquisa, bem como a necessidade de realizarmos outros estudos com a “educação alimentar” como eixo central. Diversas, variadas e frequentes doenças crônicas e distúrbios nutricionais ainda presentes na sociedade brasileira, indicam que se precisa de muitos outros estudos e pesquisas sobre o valor da saúde alimentar. Sendo assim, conceber a escola como uma instituição sociohistorica, responsável pela formação de humanos inseridos em seus contextos econômicos, precisa-se identificar e valorizar o espaço/tempo escolar como sendo um dos lócus de geração de condutas alimentares saudáveis, com ações educativas de prevenção às doenças com alto índice de incidência social.

A partir dos dados coletados nas entrevistas, os professores entrevistados fazem relações entre seus conteúdos e os tópicos de alimentação saudável/balanceda e nutrição, sempre que possível, durante suas aulas de Biologia. No entanto, alguns citam conteúdos específicos em que acreditam facilitar a abordagem do assunto, como os conteúdos de bioquímica, células e nutrientes e ecologia. Alguns ainda revelam haver maior disponibilidade de tempo para incorporar o tema às aulas ao decorrer do Ensino Fundamental, e outros entrevistados percebem algum conhecimento prévio em seus alunos em relação ao tema, independente do que foi exposto aos mesmos anteriormente.

A respeito da relevância do tema, a maioria dos entrevistados cita a importância deste na prevenção de doenças e na promoção de saúde. Tornar-se mais consciente e a presença do tema na realidade do aluno foram outras respostas que apareceram, porém em menor frequência. Diante da significância do assunto, a metodologia expositiva foi a que apareceu de forma unânime dentre as respostas dos entrevistados. Além desta, projetos, aulas práticas, trabalhos de pesquisa, palestras e até saídas de campo foram outras abordagens mencionadas, porém de forma pontual.

Outra vez por unanimidade, os entrevistados mostraram-se positivos quanto à possibilidade de seus alunos tornarem-se mais conscientes em relação à própria alimentação após

aulas de Biologia que introduzissem o tema. Neste sentido, os entrevistados afirmam que não somente os professores de Biologia estão preparados para ensinar Educação Alimentar e Nutrição na escola, mas também professores de outras áreas, evidenciando a transversalidade da temática em questão. Professores de diversas áreas ou disciplinas escolares foram citados, como os de Educação Física, Geografia, História, Inglês, Filosofia, Português, Matemática e Sociologia.

A grande maioria dos entrevistados, em suas respostas, afirmou que os alunos demonstram interesse pelo tema. Ao serem questionados sobre seus papéis na educação alimentar do aluno, a resposta mais verificada foi o papel de orientar, aconselhar e instruir os estudantes. Além destes, alguns ainda atribuem a si os papéis de formador, educador, facilitador e mediador, investigador, de servir de exemplo e gerar autonomia ao aluno. Entretanto, apenas um entrevistado acredita ter pouco papel na educação alimentar do aluno.

Da mesma forma, enquanto todos entrevistados afirmaram não ocorrer aprendizagem quando os alunos não estão alimentados, uma entrevistada afirmou não possuir conhecimento em relação a esta questão. Aos que afirmaram não ocorrer aprendizagem, a importância de o aluno estar alimentado durante as aulas apresenta-se na medida em que o aluno alimentado demonstra maior raciocínio e disposição física, bem como maior concentração por parte dos estudantes. Na definição de educação alimentar, as respostas foram bastante variadas, porém a relação direta entre saúde e alimentação foi citada por todos os entrevistados.

Conforme os objetivos propostos, esta pesquisa pretendeu analisar, por meio de entrevistas e da literatura, as percepções de professores de Biologia acerca do tema “educação alimentar e nutricional”, e de seu próprio papel na formação do comportamento alimentar do aluno. Dessa forma, destaca-se que os professores entrevistados nesta pesquisa atribuem grande valor ao tema “educação alimentar e nutrição”, estando este relacionado diretamente ao processo de aprendizagem do aluno, bem como à sua saúde.

Sobre as limitações desta pesquisa, vale à pena ressaltar que os resultados obtidos não podem ser generalizados, visto que as entrevistas abrangeram uma pequena amostra de professores atuantes, em sua maioria, em Porto Alegre/RS. Sendo assim, deixa-se aqui como sugestão para os próximos estudos, a utilização de uma amostra maior de professores e que abranja estados de outras regiões do país.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, H. M. C. et al. **Doença celíaca, hábitos e práticas alimentares e qualidade de vida.** Rev. Nutr.,v. 23, n. 3, p.467-474, 2010.

ARAÚJO, R.A.; BRITO, A.A.; SILVA, F.M. **O papel da educação física escolar diante da epidemia da obesidade em crianças e adolescentes.** Educação Física em Revista, v. 4, n.2;2010.

ASSAO, T. Y. **Alimentação Escolar:** percepções dos atores sociais de escolas de um município da região metropolitana de São Paulo. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública USP, 2012. Tese de Pós-Graduação em Nutrição em Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** 3ª. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George.**Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som.**10ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BELIK, W.;CHAIM, N. A. **O Programa Nacional de Alimentação Escolar e a Gestão Municipal:** eficiência administrativa, controle social e desenvolvimento local. Rev. Nutr. Campinas. 2009; 22(5): 595-607.

BOOG, M. C. F. **Programa de educação nutricional em escola de ensino fundamental de zona rural.** Rev. Nutr. 2010; 23:1005-17.

BRASIL. CONGRESSO NACIONAL. **Lei No. 12.796, de 04 de abril de 2013.** Altera a Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília, DF, Ab 2013. Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm)>. Acesso em: 18 dez. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Saúde; 2009. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro092.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2017

BRASIL. Ministério da Saúde. **A construção da vigilância e prevenção das doenças crônicas não transmissíveis no contexto do Sistema Único de Saúde.** Secretaria de vigilância em saúde. Epidemiologia e serviços de saúde. 2006.

CARTA DE OTTAWA. **Primeira Conferência Internacional sobre a Promoção em Saúde.** Ottawa, nov. de 1986. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta\\_ottawa.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf)>. Acesso em: 21 dez. 2017.



CASTRO, I. R. R. et al. **A culinária na promoção da alimentação saudável**: delineamento e experimentação de método educativo dirigido a adolescentes e a profissionais das redes de saúde e de educação. Rev. Nutr. Campinas. 2007; 20(6): 571-588.

COSTA, E. Q.; RIBEIRO, V. M. B.; RIBEIRO, E. C. **O Programa de Alimentação Escolar: Espaço de Aprendizagem e Produção de Conhecimento**. Rev Nutr. 2001; 14(3): 225-229.

COUTINHO, J. G.; GENTIL, P. C.; TORAL, N. **A desnutrição e obesidade no Brasil: o enfrentamento com base na agenda única da nutrição**. Cad Saude Publica. 2008;24(supl2):S332-40.

DANELON, M. A. S.; DANELON, M. S.; SILVA, M. V. **Serviços de alimentação destinados ao público escolar**: análise da convivência do Programa de Alimentação Escolar e das cantinas. Segurança Alimentar e Nutricional, 13(1): 85-94, Campinas, 2006.

DAVANÇO, G. M.; TADDEI, J. A. A. C.; GAGLIANONE, C. P. **Conhecimentos, atitudes e práticas de professores de ciclo básico, expostos e não expostos a Curso de Educação Nutricional**. Revista de Nutrição, 17(2):177-184, Campinas, abr./jun. 2004.

DEMINICE R. et al. **Impacto de um programa de educação alimentar sobre conhecimentos, práticas alimentares e estado nutricional de escolares**. Alimentos e Nutrição 2007; 18:35-40.

DETREGIACHI, C. R. P. **Programa de Orientação a Professores para o Desenvolvimento de Projeto Educativo**: Efeito na aprendizagem acerca de alimentação saudável. Marília: UNESP, 2008. Tese de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual de São Paulo, Marília, 2008.

FILHO, M. B.; RISSIN, A. **A transição nutricional no Brasil**: tendências regionais e temporais. Cad Saúde Pública. 2003; 19(1): S181-S191.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

HAIR, Jr., Joseph F. [et al]. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. 1. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009**: Análise do consumo alimentar pessoal no Brasil. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008\\_2009\\_analise\\_consumo/default.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008_2009_analise_consumo/default.shtm)>. Acesso em: 12 set. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Taxa de Escolarização das Pessoas de 6 a 14 anos de idade, por sexo – Brasil – 2007/2015**. Disponível em: <<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-escolarizacao-das-pessoas-de-6-a-14-anos.html>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

KOCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. 14<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOUREIRO, Isabel. **A importância da educação alimentar**: o papel das escolas promotoras de saúde, Revista Portuguesa de Saúde Pública, v. 22, n.2, jul./dez. 2004.

MINAYO, Cecília de Souza et al. **Pesquisa Social**: Teoria método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Alimentação Escolar. Brasília: MEC; 2017. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/pnae>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Guia alimentar para a população brasileira**: promovendo a alimentação saudável. Brasília: Ministério da Saúde; 2008.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Portaria Interministerial nº 1.010 de 8 de maio de 2006, Brasília, 2006. Institui as diretrizes para a Promoção da Alimentação Saudável nas Escolas de educação infantil, fundamental e nível médio das redes públicas e privadas, em âmbito nacional. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/pri1010\\_08\\_05\\_2006.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/pri1010_08_05_2006.html)>. Acesso em: 18 dez. 2017.

POULAIN, J.; PROENÇA, R. P. C. **O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares**. Rev. Nutr. Campinas, v. 16, n. 3, p. 245-256, Set. 2003.

SCHMITZ, B. A. S. et al. **A escola promovendo hábitos alimentares saudáveis**: uma proposta metodológica de capacitação para educadores e donos de cantina escolar. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro. 2008; 24: S312-S322.

SELLTIZ, Claire *et al.* **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. 1. ed. São Paulo: Herder, 1967.

SOBRAL, N. A. T; SANTOS, S. M. C. **Proposta metodológica para avaliação de formação em alimentação saudável**. Rev. Nutr. Campinas. 2010; 23(3): 299-415.

TORAL, N. et al. **Comportamento alimentar de adolescentes em relação ao consumo de frutas e verduras**. Rev. Nutr. 2006;19(3):331-40

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Constituição da Organização Mundial de Saúde. Conferência Internacional da Saúde. New York: WHO, 1948. Disponível em: <[http://www.who.int/governance/eb/who\\_constitution\\_en.pdf](http://www.who.int/governance/eb/who_constitution_en.pdf)>. Acesso em: 30 dez. 2017.

## **APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS – COMISSÃO DE GRADUAÇÃO  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Prezado (a) Senhor (a)**

Eu, **Eduardo de Medeiros Gass**, estudante do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, vinculado ao Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), gostaria de respeitosamente convidá-lo(a) a participar do projeto de investigação intitulado *A Percepção do Professor de Biologia Acerca de seu Papel na Conscientização Alimentar do Aluno*, bem como solicitar autorização de uso das suas respostas à entrevista relativa à pesquisa de campo. A significância da sua participação e dos dados coletados relacionam-se com o desenvolvimento e finalização do meu **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)**, sob orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Heloisa Junqueira, Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação, desta Universidade.

O principal objetivo desta pesquisa é investigar e analisar as percepções de professores de Biologia, Ensino Médio, acerca do seu próprio papel no processo de Educação Alimentar de seus alunos. A entrevista será realizada em local de escolha do entrevistado e, caso haja autorização, poderá ser gravada através de um aparelho de smartphone e/ou papel e caneta.

Considerando a possibilidade de este processo apresentar algum desconforto ao entrevistado, em qualquer momento, poderei abdicar da pergunta ou da entrevista como um todo. Também, afirmo que estou ciente dos seguintes direitos assegurados:

- poder retirar, a qualquer momento, meu consentimento e deixar de participar da entrevista, sem que isso me traga algum prejuízo;
- certificar-me de que não serei identificado(a) e que o caráter confidencial dos dados coletados será mantido sob sigilo ético, conforme as regulamentações deste tipo de pesquisa;
- poder acessar as informações pertinentes a cada etapa da pesquisa de campo, bem como aos posteriores resultados;

- certificar-me de que nenhum tipo de procedimento invasivo está previsto, como coleta de material biológico ou experimento com seres humanos;
- pode não responder qualquer pergunta que julgar constrangedora ou inadequada.

Eu \_\_\_\_\_, portador do documento de identidade \_\_\_\_\_, aceito participar da pesquisa de campo relativa ao Projeto intitulado: *A percepção do professor de Biologia acerca de seu papel na Educação Alimentar do aluno*. Fui informado(a) do seu principal objetivo, das relações com a sua metodologia e com a técnica da entrevista aberta na coleta de dados, seus riscos e benefícios. Autorizo a gravação da minha entrevista para fins da pesquisa, sendo seu uso restrito à análise dos resultados. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tendo a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Porto Alegre, \_\_\_\_/ \_\_\_\_/ 2017

Autorizo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do entrevistado

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, contatar:

**Pesquisador: Eduardo de Medeiros Gass**

**Telefone: (51) 98628-9529**

**E-mail: [eduardo\\_mdg@hotmail.com](mailto:eduardo_mdg@hotmail.com)**

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Nas suas aulas de Biologia, você promove relações entre merenda escolar (caso haja), alimentação saudável/balanceda e nutrição? Se sim, quando e de que forma? Se não, por quê?
- 2) Com relação aos saberes prévios dos alunos, qual é a sua percepção sobre o que seria uma alimentação saudável/balanceda/nutritiva? Como você percebe isto?
- 3) Na sua concepção, por que o tópico “educação alimentar” é necessário ou importante de ser trabalhado? Por quê?
- 4) Como você aborda esse tópico em aula (procedimentos metodológicos, atividades etc.)?
- 5) Você acredita que, após as aulas de Biologia com ensinamentos sobre tais tópicos, os estudantes poderiam se tornar mais conscientes acerca de sua própria alimentação? Por quê e através de quais situações?
- 6) Você acredita que apenas os professores de Biologia estão preparados a ensinar sobre alimentação e nutrição na escola? Se não, quais professores de outras áreas também poderiam trabalhar este tópico?
- 7) Qual a sua percepção acerca do interesse do aluno sobre esse tema? Como você percebe isto?
- 8) Qual o seu papel na Educação Alimentar do aluno?
- 9) Na sua percepção, ocorre aprendizagem quando o estudante não está alimentado? Qual é a importância de o aluno estar alimentado durante as aulas?
- 10) Do seu ponto de vista, o que é educação alimentar?